

“O BRASIL PRECISA DE HOMENS COM MAIS TESTOSTERONA!”: NOTAS SOBRE POLÍTICA E VIRILIDADE SOB UM VIÉS DISCURSIVO

Rafael de Souza Bento Fernandes¹
Francisco Vieira da Silva²

Resumo: Sob uma perspectiva materialista do discurso, o estudo analisa as relações entre a política e a virilidade, a partir de enunciados presentes nas redes sociais digitais. De maneira específica, estuda-se o percurso do enunciado “O Brasil precisa de homens com mais testosterona”, proferido pelo deputado federal Nikolas Ferreira (PL/MG), em 2024, e as reverberações parafrásticas no ambiente on-line. A análise pontua que nesse enunciado circulam sentidos da performance masculina desejada no âmbito da extrema direita, atravessados por discursos religiosos, militares e do campo da saúde.

Palavras-chave: Discurso. Virilidade. Política. Extrema direita. Redes sociais.

BRAZIL NEEDS MEN WITH MORE TESTOSTERONE!": NOTES ON POLITICS AND VIRILITY FROM A DISCURSIVE PERSPECTIVE

Abstract: From a materialist perspective of discourse, this study analyzes the relationship between politics and virility, based on statements found on digital social networks. Specifically, it examines the trajectory of the statement "Brazil needs men with more testosterone," uttered by federal deputy Nikolas Ferreira (PL/MG) in 2024, and its paraphrastic reverberations in the online environment. The analysis points out that this statement contains meanings of desired masculine performance within the far-right, intersected by religious, military, and health-related discourses.

Keywords: Discourse. Virility. Politics. Far Right. Social Networks.

1 Pós-doutorado em Letras pela UFPR. Doutorado em Letras pela UEM, com período sanduíche na Universidade de Coimbra (editoral PSDE-2016). Professor adjunto de Linguística e Língua Portuguesa da Unespar, campus de Paranaguá. E-mail: rafael.fernandes@unespar.edu.br.

2 Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Caraúbas. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação entre a a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

Considerações iniciais

Contradições ideológicas que se desenvolvem através da linearidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que mantém necessariamente entre si processos discursivos na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classe (Pêcheux, 2009, p. 83).

Interpretar sentidos “certos”, “precisos” tem sido, ao longo do tempo, um imbróglie. Afinal, deter a “chave” para a compreensão da verdade tal e qual, despida de qualquer “contaminação” externa, é um sonho filosófico longínquo. Ao longo do século XX, a proposta de uma linguística imanente, cerrada, que ignora o devir do tempo conforme um recorte arbitrário, ampliou o fosso entre a descrição das unidades da língua e a compreensão de fenômenos sociais a ela relacionados.

A década de sessenta do século passado marca, na história das ideias linguísticas, um ponto de inflexão: o social é novamente convocado à análise da “verdade”. Apesar de compreender que a língua é relativamente autônoma em termos morfológicos e sintáticos, essa autonomia é campo de contradição, de luta, de identidade e de inscrição do poder. Nesse movimento, Michel Pêcheux (2009), em crítica à Psicologia Social e à Análise do Conteúdo, constrói, pouco a pouco, sua “teoria não subjetiva da subjetividade”.

Em um primeiro momento, propomos considerações teóricas acerca da teoria materialista do discurso em Pêcheux (2009): o duplo-batimento entre o simbólico e o político. Em um segundo momento, tratamos da análise da sequência discursiva que dá título ao artigo. Argumentamos em prol da tese segundo a qual a corporeidade do homem “viril” está no âmago das discussões político-partidárias do Brasil contemporâneo, reconhecendo, contudo, os limites do estudo.

2 Teoria materialista do discurso

No capítulo IV da segunda parte do livro “Semântica e Discurso”, Michel Pêcheux (2009), retoma as bases filosófico-epistemológicas da “teoria materialista do discurso”, destacando algumas falhas conceituais das vertentes do idealismo. Por um lado, a tradição filosófica apoia-se na *lógica*, na *universalidade* e no *silogismo*; por outro, a linguística/retórica apostava em propriedades lexicais dos enunciados.

O autor ataca duramente a concepção lógica, apontando suas incoerências, principalmente em relação à “saída” idealista que estabelece a independência do pensamento em relação ao ser: o mito empírico-subjetivista do sujeito concreto. A discussão é sobre quem está no centro do sentido; para o idealismo, o sujeito é autor inequívoco de seu próprio dizer e o movimento parte, portanto, do sujeito até as generalizações (EU que fala, o TU que concorda com o EU, o ELE que concorda com o TU): do “Eu digo que/eu vejo isso” chega-se até enunciados do tipo “Todos sabem disso”.

Por sua vez, o caminho materialista, que toma a ideologia como centro do sentido, faz o percurso inverso: parte da generalização/universalização (“É verdade que”) até chegar aos sujeitos. Assim, o sujeito é um efeito e não a fonte. A interpelação do sujeito se dá de dois modos: pelo recalque inconsciente (referência a Lacan) e pelo assujeitamento ideológico (referência a Althusser). Pesam, na análise, as condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção. Ideologia que, conforme Pêcheux (2009), não é uma ideia pronta e bem acabada, mas uma força material.

Esse duplo atravessamento (ideológico/inconsciente) é a base para o desenvolvimento da teoria materialista dos processos discursivos. Sob essa perspectiva, em Pêcheux (2009), discurso pode ser definido como *efeito de sentido entre locutores*. Não é o sentido em si, concreto

e inerte. É um jogo em que ecoam as condições materiais de existência dos enunciados – as quais deslocam posições, mobilizam sujeitos, trazem à tona, em sua concretude semiológica, fraturas. Tal compreensão investe contra a tese da transparência da linguagem na medida em que as unidades da língua são um espaço do contraditório, e da contradição.

Orlandi (2012) salienta que a análise do discurso “visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significação para e por sujeitos” (Orlandi, 2012, p. 26). Essa compreensão, prossegue a autora, implica explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação. É preciso estar atento a mecanismos da língua que cumprem o propósito de dissimular a ideologia que os constitui.

Pêcheux (2009, p. 151) denomina essa perspectiva dominante de “pré-construído”: um “sempre já aí” da interpelação ideológica que fornece a realidade e o sentido sob a forma da *universalidade*. Esse real bem articulado e evidente, adverte o autor, só existe no interior das formações discursivas (FD) – as quais imprimem nos sujeitos um senso bem constituído de verdade. É como se houvesse uma “feira de ideologias” que, ao interpellar o indivíduo, o constitui em sujeito: fornece-lhe uma verdade acerca das coisas e do mundo, aponta-lhe um caminho, cria nele um processo de identificação, que lhe impõe a ilusão constitutiva de um mundo semanticamente estabilizado.

Consequentemente, os sujeitos (que são sujeitos da ideologia), convocados ao teatro performático da existência, se esquecem que compõem uma “peça”. Esse esquecimento se dá em duas instâncias: o primeiro esquecimento é o de que não somos a origem dos nossos próprios dizeres. Repetimos verdades construídas enunciadas por outras pessoas, haja vista que os enunciados têm um peso histórico em sua composição absolutamente nada original

(Orlandi, 2012, p. 35).

E o segundo esquecimento é da ordem da enunciação: ao falarmos, falamos de uma forma, não de outra. E, ao longo do nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas. Conforme Orlandi (2012, p. 35), este “esquecimento” produz em nós a impressão da realidade do pensamento – como se não houvesse distância alguma entre as palavras e as coisas. Como se fosse uma relação natural e direta. Como se a linguagem fosse transparente. É por isso que, segundo Pêcheux (2009), a ideologia fornece a evidência de mundo, o que “todo mundo sabe”. O sujeito, por um processo de interpelação/identificação, que envolve relações sociais e jurídicas, acredita na evidência do eu; crê ser a origem de seu próprio dizer.

A forma-sujeito, assim, é a “cara” do “eu” na superfície do texto. Essa “cara”, denominada também de “Ego-imaginário”, é tanto enganadora, quanto ingênua, na medida em que faz ignorar a complexidade das relações históricas que constituem pouco a pouco lugares sociais que ocupamos. A crítica de Pêcheux (2009) ao idealismo é que ele até chega ao Ego-imaginário, ao evidente, mas não adentra o campo das determinações sociais, das comandas. Dessa forma, não vai além do empírico (do meramente observável).

A dependência constitutiva do “todo complexo das formações ideológicas” é explicada por meio de duas teses: a primeira é que as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam e a segunda é que toda formação discursiva (FD) dissimula essa dependência acima citada. A tese um diz respeito ao processo de interpelação do indivíduo em sujeito (em referência a Althusser) de modo que a palavra, no interior da FD, tem seu sentido “colado”, é transparente. A FD, portanto, é o lugar da constituição do sentido. Já a tese dois diz respeito ao funcionamento da ideologia, que atua através do complexo

das formações ideológicas, fornecendo “a cada sujeito” sua realidade. Esse processo toma a forma de “autonomia”, uma vez que o sujeito não tem acesso conscientemente àquilo que o determina (esquecimento um).

Sendo assim, o sujeito se constitui ao “esquecer” o processo de interpelação e, por sua vez, o processo de interpelação ocorre pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina, cujos discursos - e a memória - são reescritos nos dizeres do próprio sujeito por meio de paráfrases. Tudo isso sob a ilusão de “fonte do dizer”. Assim, é no reconhecimento com a FD dominante que o sujeito se “esquece” das determinações que o colocam no lugar que ele ocupa - este é um efeito da exterioridade, do real-ideológico-discursivo. Em certo sentido, tomar uma posição é assujeitar-se. Além dessa determinação, o sujeito-falante sofre um segundo esquecimento: “se esquece” de que ele seleciona, no interior da formação discursiva que o domina, formas e sequências de enunciados em relações de paráfrase – “só poderia ser dito assim!”.

Ao constituir um dispositivo de interpretação, é preciso estar atento aos mecanismos que atravessam os dizeres, compreendendo o como e o porquê de sua constituição à luz das condições sociais e históricas de sua produção, afinal: a ideologia dissimula sua existência. A perspectiva discursiva abandona, portanto, a tese de uma subjetividade criadora que enunciaria, aquém do tempo, a verdade tal e qual. Procura compreender, ao contrário, as redes intrincadas que, no âmbito da ideologia, fornecem uma evidência de realidade – presas, contudo, a filiações ideológicas – as quais estão atravessadas por tantos outros discursos, também contraditórios entre si.

Quando se vê, quando se nomeia um objeto, consequentemente, não se tem acesso a propriedades inequívocas, mas a uma ordem simbólica que, em um plano social e histórico,

insere o objeto nas dinâmicas da nossa existência. O discurso é uma forma de mediação entre os sujeitos e o mundo natural: “o trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (Orlandi, 2012, p.15).

O processo de mediação não acontece em uma instância metafísica como a “alma” ou o “espírito do tempo”. Acontece na materialidade das relações sociais. Na concretude dos elementos linguísticos. Para Pêcheux (2009), a *língua* é a base comum dos processos discursivos. E todo processo discursivo, por seu turno, se inscreve em uma relação ideológica de classes. De outra forma: toda compreensão acerca do mundo é capturada no interior de formações discursivas que cumprem o papel de suprir evidência do real.

Simultaneamente, no gesto de leitura ancorado em Pêcheux (2009), tratamos do *político*, em sentido amplo, com referência a jogos de poder e dominação no âmbito das formações discursivas, e do *simbólico* com vista ao fato de que não temos acesso a um mundo natural e científico despido de impressões, opiniões, sentimentos – ou, em resumo, subjetividades.

No caso da análise que aqui se desenha, enfatizamos o pré-construído sobre os papéis de gênero, que produzem, como efeito discursivo, a hipervirilidade no campo das discussões político-partidárias. À sequência, tratamos da sequência discursiva que dá título ao estudo, procurando delinear um gesto de leitura sobre como a virilidade ressoa memórias acerca das potencialidades do corpo do homem viril, moral e capaz.

3 Hipervirilidade e Política: um gesto de análise

Em cima de um trio elétrico, em ato pró-Bolsonaro, no dia 21 de abril de 2024, o deputado Nikolas Ferreira (Dep. Fed./ PL/MG-

2023-2027), anunciou ao público:

SD1: Este país não precisa de mais projetos de lei, este país não precisa mais de emenda. Este país precisa de homens com testosterona. É isso que esse país precisa. E eu tenho certeza que é o que esses dois homens [Jair Bolsonaro e Silas Malafaia] representam (Rio de Janeiro,

Abril de 2024).³

Essa declaração foi ao final de sua fala. As pessoas, a maioria trajada com a camisa da seleção brasileira de futebol, o aplaudiram veementemente. A mídia tradicional repercutiu amplamente o trecho. Esse corte, em especial, foi pauta do dia nas redes sociais de grande circulação, como o *Instagram*, o *TikTok* e o *X* (antigo *Twitter*). Não se trata de circunstanciar uma voz de grande alcance e circulação, mas de compreender como a sequência discursiva (SD1) engendra um imaginário sobre a virilidade.

As condições de produção imediatas são uma beligerante batalha política entre o que se poderia definir, de forma lacunar, como esquerda (pró-Lula) e extrema direita brasileira (pró-Bolsonaro). Essa direita, da qual Nikolas é uma voz, é atravessada por um discurso religioso pentecostal investido pela procura obstinada de uma tradição há muito perdida, quase inalcançável, de bons valores corrompidos pelo tempo, por lutas sociais. Como enfatizam Nascimento e Braga (2021, p. 359), trata-se de “exemplos de virilidade que sugere a coragem que disponibiliza à salvaguarda do povo, a força que combate o inimigo da nação, a honradez que se contrapõe à afetação”.

³ O vídeo, com o trecho em análise, pode ser encontrado no endereço eletrônico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ALsCN8ryjpk><https://youtu.be/ALsCN8ryjpk>. Acesso em nov. 2025. A SD1 é elemento em destaque na reportagem do portal do Estadão. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/brasil-precisa-de-mais-testosterona-diz-nikolas-ferreira-em-ato-pro-bolsonaro-no-rio/>. Acesso em nov. 2025.

As unidades da língua são a base para processos discursivos – por excelência, ideológicos. “Este país” marca, logo ao início, uma abstração. A pátria, a nação, maior do que todos, convoca os seus constituintes à proteção. É como se o Brasil – terra mãe – clamasse os seus para defesa de um ataque insidioso e mordaz em curso. A guerra é, afinal, um elemento-chave cuja memória remete às noções de masculinidade e virilidade. Essa batalha em curso (moral, espiritual) coloca tudo em suspenso: “projetos de lei” não são necessários caso tenhamos homens valorosos que possam nos guiar e proteger.

“Este país precisa” é uma fórmula que remete a lugares de memória em contexto de guerra fria. “I want you for U.S. Army” com o desenho da personagem “Tio Sam” tornou-se um ícone cultural. A mesma força é invocada em anúncio da Biotônico Fontoura, de 1931: “O Brasil quer gente forte”, analisado anteriormente (Fernandes, 2019), como estratégia biopolítica que engendra o corpo do soldado a um ideal de corpo masculino: forte, capaz, que provém proteção e sustento. Duas facetas simbólicas que amparam a subjetividade “homem com agá maiúsculo”, ou “homem de verdade”.

Ademais, na pretensa transparência do discurso, ressoa a figura de um messias que salvará a todos. O debate de ideias, a coletividade das opiniões, a representação no parlamento, a multiplicidade que caracterizaria a produção de novos projetos de lei tem valor irrisório ante a santidade – nesse caso compartilhada: Malafaia e Bolsonaro. Nesse jogo lógico de encadeações sintáticas, entra em cena a expressão com valor adjetivo restritivo: “com testosterona”.

O termo faz reverberar sentidos: desponta como elementos dos saberes médicos que migra ao debate moral, onde é apropriado como espécie de propriedade que conduziria à virilidade (aqui tomada como virtude). Esse processo metafórico fez com que a ciência

tentasse restaurar a masculinidade perdida ao longo do século XX (Carol, 2013) e tem sido, fora do debate eminentemente científico, alçunha de valor nas discussões sobre os “tradicionais” papéis de gênero.

Tais papéis são um pré-construído, um sempre-já-aí: verdades sociais tão firmemente assentadas que dissimulam pela ideologia sua constituição. Homens são homens por natureza e propósito: fortes e capazes – caso tenham atributos de masculinidade. A transparência da linguagem fornece a evidência de mundo no âmbito da FD. O apelo à testosterona revela ainda um desejo de fazer renascer uma espécie de elemento tido como natural do homem que foi se perdendo pelas mudanças nos padrões tradicionais de gênero.

Em termos de memória, cumpre destacar que até o século XIX, acreditava-se que era no sangue que estava a supremacia do homem. O nascimento da endocrinologia e, consequentemente, do paradigma hormonal deslocou a definição de masculinidade para a testosterona (em substituição ao esperma) como agente de virilização (Carol, 2013). Parafraseando Carol (2013, p. 45), a ciência foi tentada a atribuir à testosterona efeitos sobre o comportamento, em particular sobre a agressividade, considerada até então qualidade especificamente masculina no cenário evolucionista. A medicina, nesse ínterim, comprometeu-se em restaurar a virilidade perdida ou acentuá-la com transplantes de glândulas endócrinas de animais (como cachorros e bois) com o objetivo de combater a feminização, homossexualidade e a disfunção erétil⁴.

Entre 1916 e 1921, o médico austríaco Eugen Steinach, pioneiro da opoterapia, pautando-se na premissa de que o déficit de hormônio masculino é causa dos problemas de

identidade sexual, realizou transplantes cruzados entre cobaias macho e fêmea para descrever que, após a operação, os dois animais adotaram comportamentos sexuais próprios ao outro sexo. Outros médicos avançaram com tratamento em humanos e relataram “resultados promissores” (Carol, 2013, p. 72).

Mais do que isso, na construção desse arquivo de virilidade, o adjetivo em análise apela também à força na guerra. “Morrer pela pátria é construção medieval, sacralização extrema do serviço à nação, cuja sedimentação permanece incompleta até os dias de hoje” (Izecksohn, 2013, p. 267). A condição masculina, para Izecksohn (2013), parece ser particularmente sensível a imagens bélicas que se encontram nas raízes do patriotismo e do nacionalismo, muitas vezes decantadas em hinos e monumentos em referência à virilidade nacional.

Há uma estreita relação entre utilidade, docilidade dos corpos disciplinados às normas que regem princípios nocionais de virilidade. De outra forma: proteção e belicosidade são atributos que historicamente se confundem com a noção de homem viril. No que se refere à experiência nazifascista de guerra e virilidade, para citar outro exemplo, Chapoutot (2013) constata que “os combatentes fracos são os duros, e o anonimato performativo das mulheres da sua vida contribui para purificar a sua identidade de qualquer ambiguidade: o feminino não participa do seu mundo e a exclusão assume aqui a forma do recalque ou da recusa” (Chapoutot, 2013, p. 337).

São deslizes sintáticos em uma quase-estrutura de língua: O Brasil [como abstração] não precisa de X, precisa de Y; Y é testosterona [homens viris]; Y são Malafaia e Bolsonaro. Esses lugares, esses nódulos, estão inscritos em processos históricos e ideológicos, apesar da aparente transparência com que são elencados e ancorados na superfície do enunciado.

⁴ Essa retomada histórica consta, com maior profundidade, em Fernandes (2019).

A questão tem como base o corpo (viril), o qual reverbera sentidos. No dia 23 de outubro de 2025, Ferreira envolveu-se em outra discussão nas redes sociais, motivado pelo pretenso desafio entre qual dos homens teria mais testosterona: se ele ou Jones Manoel (SD 2). Ao que respondeu:

SD2 e SD3



Fig. 1 e 2. SD2. Fonte: Revista Fórum e Portal Último Segundo.⁵

Vale destacar que Jones Manoel é um comunicador e educador popular cujas enunciações em âmbito digital se inscrevem na

⁵ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2025/10/23/nikolas-diz-que-peito-de-jones-manoel-e-feio-em-discusso-sobre-masculinidade-190439.html>. Acesso em 13 nov. 2025; <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2025-10-24/nikolas-ironiza-corpo-jones-manoel-reage-vai-trabalha.html>. Acesso em 13 nov. 2025.

formação discursiva anti-Bolsonaro, que tem ganhado muita notoriedade por suas habilidades no debate público. Jones rebateu o deputado no X, acusando Ferreira de não trabalhar. Nikolas prossegue a celeuma enfatizando o peito do adversário: da primeira vez com a expressão “teta feia”, da segunda com uma foto-montagem em que Jones aparece com seios femininos. A discussão é compartilhada e comentada por uma legião de internautas. Para Moreira (2021, p. 7), “[...] a força física, a atitude viril e outras demonstrações típicas da masculinidade hegemônica são instrumentalidades como atrativos políticos”.

As matérias de jornal enfatizaram, nas notícias, o corpo de Jones Manoel a que Nikolas faz referência, salientando, visualmente, os traços de virilidade do torso desnudo. Há que se observar que o debate político, conforme evidência material (SD1, SD2 e SD3), está inscrito no corpo, na carne, nos contornos somáticos dos músculos (do braço e do peito), os quais atestariam absolutamente tudo o que os eleitores precisariam saber. No cerne desse fazer político (em sentido partidário, restrito), está a abstração, o esvaziamento, e redução do debate à misoginia como efeito discursivo. Quanto mais masculinidade, mais “testosterona”, mais próximos ao Brasil que queremos. Seios femininos (“teta feia”), sob essa envergadura lógica, são um elemento difamatório.

É importante considerar que a fala do deputado (a SD1) foi preparada e orquestrada para servir como um pequeno corte a ser compartilhado em redes sociais. Esse pequeno espaço de promoção pessoal requer da linguagem o máximo de efeito no mínimo de corpo verbal possível. A abstração “Este país precisa de homens com testosterona” conclama um séquito de replicadores digitais que profetizam um dizer messiânico, chamado a uma guerra moral – tal é o atravessamento do discurso religioso. Assim, “testosterona”, nesse engendro simbólico, torna-

se sinônimo de homens bons e capazes. Prova de que as unidades linguísticas, os espaços que as palavras ocupam nas frases, os mecanismos de encaixe e de articulação são espaço do discurso. Além disso, mostra-se que a FD é lugar de tensão e não apenas de segurança (Indursky, 2007).

Reiteramos: a FD dissimula, por sua própria constituição, as determinações ideológicas, os movimentos da histórica que regem as relações sociais, apostando em efeitos de identidade e de poder. Nikolas enuncia; Jones rebate. Apesar desses dizeres circunscreverem materialmente na singularidade das vozes a que personalizam, a análise atravessa o mito da subjetividade criadora para questionar as contingências materiais que suportam a existência de um impasse discursivo: salvará a todos um gestor que seja homem suficiente para fazê-lo. O investimento de sucesso invoca uma memória sobre as potencialidades do corpo do homem musculoso, santo, cheio de testosterona, preparado ao trabalho.

Desse modo, a maquinaria discursiva não toma como “fonte” as vozes que sustentam os discursos. Os sujeitos, em cena, são, sob a ótica pecheuxtiana, efeitos. O machismo, a homofobia, a misoginia atravessam a produção desses dizeres e são recortadas em determinadas posições do jogo social que fazem com que reverberem os sentidos – os quais retiram seus efeitos das condições de produção.

A ideologia, enfim, regula o olhar para o corpo masculino e os emblemas de virilidade (braço, peito, testosterona) recortando da história o que lhe importa como evidência de real: uma ilusão constitutiva que fala aos inscritos em uma dada FD. Mais do que isso: que chama à atuação em prol da defesa de uma perspectiva eleitoral – uma guerra moral do nós contra eles (Rocha, 2024) que requer homens com muita testosterona no front de batalha.

Considerações finais

Em 2019, quando do depósito da tese de doutorado, propusemos uma compreensão sobre como a subjetividade do homem com agá maiúsculo ganhava corpo e voz no âmbito das mídias, tanto analógicas (em propagandas), como digitais (à época, em páginas da rede social *Facebook*). Na análise, identificamos três práticas discursivo-midiáticas sobre as quais nos detivemos: treinamento físico, sustento e cortejo (Fernandes, 2019).

Pouco a pouco, com a ascensão de políticos que se identificam com a assim chamada “extrema direita” brasileira (termo naturalmente opaco, senão à luz das condições de produção), a noção de hipervirilidade sedimentou-se como uma pedra angular para promoção de boas habilidades de gestão ou de representação pública: quanto mais performance de masculinidade, mais preparado estaria o candidato aos cargos da República.

Esse preceito, carregado de um valor preso às supostas tradições do passado (sob essa orientação: absolutas, corretas), reforça relações ideológicas nada sutis acerca de um projeto deliberado de exclusão de todo signo que possa vir a ser lido como feminino e, portanto, fraco, desrido de valor. Em “O Brasil precisa de homens com mais testosterona”, reverberam sentidos da performance masculina, atravessados por outros discursos religiosos (o messias que salvará a todos), militares (o forte apelo ao patriotismo, como abstração) e até certo ponto médicos (da opoterapia, pseudociência com propósito de adequação do sexos).

Pêcheux (2009), em sua teoria materialista do discurso, salienta que as contradições ideológicas se desenvolvem através da linearidade da língua, constituídas por relações contraditórias em que se mantêm relações ideológicas de classe. As ideologias, dispersas e sedimentadas em posições chamadas

de formações discursivas, fornecem aos sujeitos a ilusão constitutiva da verdade: um poderoso engendro para formação de enunciados que (re) produzem efeitos identitários.

Ideologias não são, sob essa compreensão, um espectro, mas estão inscritas em uma materialidade significante que lhe dá sustentação: são os mecanismos sintáticos do enunciado que nos permitem compreender as lacunas, os desvios, os “rituais que falham” na orientação de um mundo dicotômico em que o valor político não reside em propostas, mas em abstrações pouco precisas – características da FD em análise.

Ao nomear a FD em análise de “extrema direita brasileira” incorremos em alguns riscos, dentre os quais o de homogeneizar as forças ideológicas em um cenário de profunda complexidade e contradição. Referimo-nos especificamente às condições materiais de existência que investem na abstração e corporeidade do homem viril com capacidades messiânicas de salvar os seus de uma guerra moral, parte de um palco de discussões, que ganha vez e voz nos embates políticos das primeiras décadas do século XXI: um debate desenvolvido para a hipervisibilidade das mídias digitais, voltada à tradição como ponto de apoio (ou ao menos um imaginário de tradição), respaldado na corporeidade dicotônica (homem viril, mulher bonita) como critério valorativo.

Será preciso tempo para olhar esses fenômenos com distanciamento histórico maior do que o que se apresenta no horizonte. Até o momento, conforme uma análise possível, consideramos válida a tese segundo a qual a virilidade está no âmago do discurso político-partidário do Brasil contemporâneo. Nesse xadrez político, espaço por excelência da contradição, operam a segregação, o messianismo e a compreensão restrita e perigosa sobre o que vem a ser o papel do legislativo, o papel do agente público e o papel do homem.

O simbólico e o político estão, assim, em um embate constante no problema da determinação que, como salienta Pêcheux (2009), excede o universo da sintaxe e adentra a complexidade social.

Referências bibliográficas

- CAROL, Anne. A virilidade diante da medicina. In: CORBAIN, Alain [et al]. História da Virilidade – 3. A virilidade em crise? Trad. Noeli Correria [et al]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (p. 35-81).
- CHAPOUTOT, Johann. Virilidade fascista. In: História da Virilidade – 3. A virilidade em crise? Trad. Noeli Correria [et al]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (p. 335-363).
- FERNANDES, Rafael de Souza Bento. Práticas discursivo-midiáticas sobre a corporalidade na construção do “homem Homem”: regimes de normalização e de exclusão. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 2019.
- INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 163-172.
- IZEKSOHN, Vitor. Quando era perigoso ser homem. Recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil. In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia (orgs.). História dos homens no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2013 (p. 267-297).
- LIMA, João Pedro. Nikolas ironiza corpo de Jones Manoel, que reage: “Vai trabalhar”. Último segundo, 24 out. 2025. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2025-10-24/nikolas-ironiza-corpo-de-jones-manoel-que-reage-vai-trabalhar>

nikolas-ironiza-corpo-jones-manoel-reage-vai-trabalha.html. Acesso em: 13 nov. 2025.

MOREIRA, Lucas. Masculinidade genealógica e o “viking” do capítulo: reflexões sobre virilidade e política. *Novos Debates*, v. 7, n. 1, 2021. Disponível em: <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/181>. Acesso em: 14 nov. 2025.

NASCIMENTO, Myllena Araújo do; BRAGA, Amanda Batista. O homem viril em evidência: o funcionamento do dispositivo da virilidade em memes da direita alternativa brasileira. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 41, p. 347-360, set-dez. 2021.

ORLANDI, Eni Puccineli. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas, São Paulo: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi (org.). 4^a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ROCHA, João Cezar de Castro. Retórica do ódio e a pólis pós-política. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (Orgs.). O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos. São Paulo: Parábola, 2024. p. 94-110.

RODRIGUES, Henrique. Nikolas diz que peito de Jones Manoel é “feio” em discussão sobre masculinidade. Fórum, São Paulo, 23 out. 2025. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2025/10/23/nikolas-diz-que-peito-de-jones-manoel-e-feio-em-discussao-sobre-masculinidade-190439.html>. Acesso em: 13 nov. 2025.

Submissão: Novembro de 2025

Aceite: Dezembro de 2025